

## FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES QUE ATUAM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS

Maria de Lourdes da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho é resultado de uma experiência em um curso de formação continuada com professoras que atuam com alunos surdos, ocorrida no ceiLibras (Centro Educacional de Idiomas Libras) juntamente com a ASBP (Associação dos Surdos de Bragança Paulista). O objetivo geral foi: oferecer aos participantes subsídios teórico-práticos voltados ao processo de alfabetização e letramento dessa clientela. Os objetivos específicos foram: fazer com que os professores se apropriassem dos aspectos linguísticos da Língua de Sinais; aprender os sinais específicos da área de Língua Portuguesa; adaptar atividades de leitura e escrita aos alunos surdos, a fim de, torná-los leitores capazes de atribuir sentido aos gêneros textuais, respeitando sua singularidade linguística, tendo como ponto primordial o ensino de Libras como primeira língua (L1) e Língua Portuguesa escrita como segunda (L2) e; aprender a utilizar, criar e adaptar recursos midiáticos que, facilitem o processo de aprendizagem dos mesmos numa perspectiva bilíngue. Às participantes, foram oportunizadas situações de aprofundamento teórico-prático em relação ao processo de alfabetização e letramento destes alunos, por meio de materiais e recursos midiáticos. Por fim, por meio do estudo realizado e as práticas pedagógicas das professoras, foi possível perceber que, as metodologias oferecidas estão influenciando na qualidade de ensino dos alunos.

**Palavras-chave:** Formação continuada de professores, Alunos surdos, Alfabetização e letramento.

### INTRODUÇÃO

A formação de professores que atuam com surdos é um tema que merece uma atenção maior, principalmente por vivermos atualmente num contexto de educação bilíngue.

Formar professores para alfabetizar e letrar alunos surdos requer proximidade da identidade linguística e cultural, bem como a escola que atende esta clientela (PERLIN; MIRANDA, 2011).

Diante da vivência nesse espaço educacional, a experiência de quinze anos como profissional da área é que se criou o curso: “Alfabetização e letramento voltado as professores que atuam o desejam atuar com alunos surdos”, o qual vem de encontro com a visão de Feldmann (2009, p. 71) onde a mesma coloca que o professor nos dias de hoje “é o sujeito

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Educação do curso da UDE - Universidade de La Empresa – Uruguay. Professora de Libras e Língua Portuguesa no ceiLibras (Centro Educacional de Idiomas Libras) e ASBP (Associação dos Surdos de Bragança Paulista), [malucenica@gmail.com](mailto:malucenica@gmail.com).

que professa saberes, valores, atitudes, que compartilha relações e, junto com o outro, elabora a interpretação e reinterpretação do mundo”.

Os cursos de formação deveriam considerar este perfil de professor e organizar um currículo que levem a todas estas competências, uma vez que estes também estão atrelados às ações coletivas realizada na escola.

Quando se trata da formação e atuação do TIL (Tradutor-Intérprete de Libras) o mais importante é conceber que ela “vai além do conhecimento das línguas, devendo ser uma formação plural e interdisciplinar [...], nas esferas de significação e nas possibilidades de atuação frente à difícil tarefa da tradução/interpretação” (LACERDA, 2013, p. 25).

Desta forma se faz necessária a mediação desse profissional habilitado para este fim, ou seja, sabendo o básico de elementos linguísticos para se comunicar com o aluno, compreendendo o seu processo de aquisição de leitura e escrita, dentro de uma proposta bilíngue.

Lodi (2014, p. 14) descreve ainda que

a Política de Educação Inclusiva não dispõe sobre as particularidades educacionais e linguísticas dos alunos surdos nos diferentes níveis de ensino e, portanto, não prevê ações na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental que garantam o desenvolvimento de linguagem/apropriação da Libras pelos surdos, base para tanto o intérprete, quando presente no ensino fundamental, constitua-se interlocutor dos estudantes, quanto para os processos de ensino e de aprendizagem com conteúdos escolares [...].

O que se percebe é a não garantia dos processos de desenvolvimento da linguagem e aquisição da Libras. Pode-se mencionar, por exemplo, a concepção de Lodi (2014, p. 14-15) na qual descreve que

ao desconsiderar que se apropriar de uma língua e constituir-se sujeito da linguagem, implica, necessariamente, na interação com interlocutores usuários desta língua, que devem assumir lugares sociais de pertinência nos espaços educacionais, possibilitando, aos estudantes surdos, a imersão na língua e, portanto, o domínio das diferentes linguagens constitutivas da Libras.

Diante disso, surge a indagação: Quem são os professores de surdos? Vieira-Machado (2016, p. 72-73) pontua que os narradores surdos dividem esses professores em:

- a) Aqueles que participam da comunidade surda e são militantes e fazem coro a essas denúncias, criando assim novos espaços de atuação desse novo profissional que sabe Libras;
- b) Aqueles que, como profissionais há algum tempo na perspectiva oralista, para manter esse lugar, começam a fazer cursos de Libras básico de 120 horas geralmente ofertado pelo poder público e;
- c) Aqueles profissionais que se resguardam nos anos de experiência acumulados, de prática oralista, não aceitando as mudanças, os novos saberes.

O objetivo da amostra foi “produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” (DESLAURIERS, 1991, p. 58), tendo como foco a formação e atuação dos professores de alunos surdos e por fim, apresentar reflexões e contribuições para a melhoria de suas práticas pedagógicas.

Os profissionais da educação encontram dificuldade no atendimento aos alunos surdos, principalmente no que tange ao processo de alfabetização e letramento dos mesmos.

A maioria desconhece a estrutura da Língua de Sinais e conseqüentemente não apresentam fluência na mesma, impossibilitando que o aluno surdo tenha condições de se desenvolver igualmente com seus pares.

Ao assumir a responsabilidade de acompanhar os alunos surdos em sala de aula, estes profissionais necessitam apropriar-se da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa com destreza, a fim de serem capazes de transmitir todos os conteúdos curriculares durante as aulas, respeitando assim, a singularidade linguística dessa clientela. Necessitam ainda, apoiar-se constantemente de recursos visuais e midiáticos que colaborem com o processo de aprendizagem dos alunos, uma vez que estes possibilitam a eles compreender a Língua Portuguesa associando o abstrato ao concreto, dentro de uma exploração contextual daquilo que lhes está sendo transmitido.

Sendo assim, é de suma importância o professor procurar recursos e estratégias que permitam ao surdo expor suas narrativas, a fim de detectar elementos linguísticos e valorizá-los uma vez que ele é detentor de uma língua que precisa ser conhecida e respeitada por nós.

## **METODOLOGIA**

De início, a natureza da pesquisa é do tipo aplicada, a qual segundo Gil (2010, p. 26) “abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem”.

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, de enfoque etnográfico, caracterizada como exploratória descritiva.

De acordo com Demo (2011, p. 152) a pesquisa qualitativa:

[...] como metodologias alternativas, porque buscam salvaguardar o que a metodologia dura joga fora, por não caber no método, sendo isso por vezes o mais importante na realidade. Advindo geralmente esse gesto da parte das ciências sociais, existe o interesse em apanhar também o lado subjetivo dos fenômenos, buscando depoimentos que se transformam em dados relevantes, também oriundos de pessoas simples.

No que tange à pesquisa Etnográfica, Pletsch, Fontes e Glat (2009, p. 68) afirmam que:

A etnografia caracteriza-se essencialmente pela observação sistemática das situações no espaço onde os eventos acontecem, possibilitando ao pesquisador uma revisão teórica e metodológica contínua diante das informações coletadas, desenvolvendo novas questões ou hipóteses de investigação. Esse método comporta o uso de técnicas diferenciadas, como a observação participante, a realização de entrevistas, análise de documentos e filmagem em áudio (micro análise), a fotografia e produções do próprio grupo pesquisado.

A pesquisa etnográfica, também chamada de antropológica, até recentemente era utilizada apenas por sociólogos e antropólogos. Hoje está bastante difundida e é empregada por pesquisadores da área educacional, na qual sofre algumas adaptações. Nela o investigador “deve exercer o papel subjetivo de participante e o papel objetivo de observador, colocando-se numa posição ímpar para compreender e explicar o comportamento humano” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 15). Seu uso deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo.

Desta forma, ela se fez presente nesta pesquisa, já que o enfoque envolve a formação e atuação de professores ouvintes que atuam no processo de escolarização de alunos surdos e a pessoa que escreve a etnografia tenha, ela mesma, uma experiência direta e pessoal com a realidade estudada, num período suficiente para entender as regras, os costumes e as convenções que governam a vida do grupo estudado (MACEDO, 2006).

## **DESENVOLVIMENTO**

O material empírico que subsidiou a investigação refere-se à oferta de um curso de formação continuada a professores que atuam ou desejam atuar com alunos surdos, seja em escolas da Rede Municipal, Estadual ou particular, oferecido pelo ceiLibras (Centro Educacional de Idiomas Libras) em parceria com a ASBP (Associação dos Surdos de Bragança Paulista), com carga horária de 100 horas.

As participantes deste curso foram sete professoras que atuam na Rede Municipal e Estadual de Bragança Paulista, que atuam com alunos surdos matriculados nos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental I. Todas possuem cursos de extensão em Libras e pós-graduação na mesma área, porém, necessitavam de uma maior fluência no que diz respeito à tradução-interpretação dos conteúdos ministrados em sala de aula e aprofundamento dos sinais específicos da área de educação.

Os recursos materiais utilizados foram: livros, apostilas, dicionários de Libras (impresso e em versão digital), materiais didáticos adaptados ao processo de ensino aprendizagem de alunos surdos, câmera digital, Power Point, programas para edição de vídeo, (Camtasia), CD e DVD de histórias infantis, músicas, piadas, poemas, poesias em Libras, materiais retirados da internet entre outros. Estes recursos serão apresentados com maiores detalhes no próximo tópico.

Por acreditar que os professores envolvidos neste trabalho precisam ter mais conhecimento e preparo para colaborarem com o crescimento linguístico desses alunos na aquisição da Língua Portuguesa escrita, que o tema em tela, pretende contribuir na compreensão das dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos no processo de ensino-aprendizagem, focando na atuação dos professores, os quais são o alicerce para auxiliá-los nesta construção bilíngue e bicultural.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O que intenta-se aqui é fragmentar algumas práticas discursivas e não discursivas que se tornaram possíveis na atuação das professoras participantes e seus efeitos diante do que fora ministrado no curso.

Os encontros ocorriam quinzenalmente, no horário das 19h30 às 22h no espaço do ceiLibras e ASBP. Nos encontros presenciais eram trabalhados: proposições teórico-práticas da Língua de Sinais e Língua Portuguesa escrita para alunos surdos; o uso da Libras e Língua Portuguesa escrita na utilização de diversos gêneros textuais, bem como os sinais específicos da área abordada; exemplificação e adaptação de atividades a serem aplicadas passo a passo; orientações de como observar o processo de desempenho dos alunos atendidos pelas mesmas; forma de registro das atividades e avaliações; sinais específicos das disciplinas escolares e; uso de recursos visuais e midiáticos, através do uso do Power Point e programa de edição de vídeos.

Após cada aula, as professoras tinham a oportunidade de aplicar durante a semana os conceitos e as atividades sugeridas. Retornando ao encontro presencial, traziam os resultados obtidos e através de discussão em grupo, surgiam os apontamentos de melhorias às práticas pedagógicas.

Houve momentos em que as professoras relatavam sobre a problemática em poder aplicar as atividades com os alunos, uma vez que nem sempre a rotina de sala de aula lhes possibilitava isso.

Às vezes, somente a mudança na forma de traduzir-interpretar estava sendo realmente aplicada e percebiam pela expressão dos surdos que eles estavam de alguma forma interiorizando o que lhes era sinalizado.

P. C. uma das professoras do curso, relatou em uma das aulas: “quero fazer a diferença na vida dos meus alunos e não só ficar na frente deles interpretando e eles não entendendo nada”.

Na versão de G. L.: “não temos a oportunidade de trabalhar de forma aprofundada com o surdo, pois geralmente o professor regente passa o texto na lousa e aí fica difícil para o surdo olhar o interlocutor e ainda copiar o conteúdo da lousa. Depois acaba a aula e eu não consigo passar em Língua de Sinais o que está no texto, pois, já trocou de professor novamente”.

B. S. contribuiu com seu depoimento: “o sistema de ensino só pensa em colocar o profissional em sala de aula, mas, esquece que este precisa de formação continuada. No dia a dia, não conseguimos passar todas as informações para os alunos, já que os professores titulares das disciplinas não fazem uma parceria com a gente para dar uma melhor condição para o surdo aprender”.

Na visão de D.F.: “É muito importante nós professores de surdos sempre estar buscando formação continuada para atendê-los em sala de aula, pois nunca sabemos o suficiente para dizermos que sabemos tudo o que convém para atendê-los. Cada curso ou seja formação na área traz aprendizagens diferenciadas e capacitações profundas no aprender, saber e ensinar. Pois as tecnologias são modificadas a cada instante, os métodos ficam ultrapassados se pararmos no tempo. Quando buscamos mais formação, abrimos portas e janelas que estavam ainda fechadas ao conhecimento de nossos estudos, favorecendo um caminho mais amplo e fácil para ser compreendido e estabelecidos em vias duplas, como a questão de trocas de ideias e experiências vividas que deram certos com outros surdos e professores, trazendo os mesmos para outros surdos e professores como nós. Pois nunca existirá o final de formação em nossa área, pois o caminho é repleto de curiosidades e força de vontade de poder ajudar o próximo que muitas das vezes precisamos atendê-los de maneiras diversificadas para que a informação, o ensino chegue até eles de formas simples e compreendidas”.

É notório como estes profissionais vêm se alocando nos ambientes educacionais e como é perceptível a busca de uma pequena parcela destes, por uma formação continuada, uma vez que em seus discursos, sentem a necessidade de serem vistos como professores de surdos e terem seus discursos aceitos.

Machado e Lunardi-Lazzarin (2010, p. 21) atrelam a formação de professores de surdos no campo da inclusão a “um dispositivo de governamentalidade [...] que, na conjuntura atual, [...] vem responder estrategicamente a uma urgência histórica precisa, a qual seja produzir professores interessantes a essa racionalidade”.

Segue alguns materiais que foram utilizados durante o curso, como apoio ao trabalho das professoras, conforme a clientela que atendem:



**Figura 1:** Cadernos de apoio e aprendizagem - Libras – 1º ao 5º ano (livro do aluno)  
**Fonte:** São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Cadernos de apoio e aprendizagem - Libras - 1º ao 5º ano (livro do aluno).** Secretaria Municipal de Educação. São Paulo: SME/DOT, 2012.

Este material foi produzido a fim de colaborar com a aprendizagem dos alunos surdos na Língua Brasileira de Sinais.

Os cadernos dos alunos do 1º ao 5º ano contêm atividades (poemas, piadas e acrósticos criados em Libras por alunos e poetas surdos) impressas desenvolvidas por meio de ilustrações e fotos dos sinais.

Já o Livro do Professor, traz um DVD com vídeos interpretados por profissionais surdos e intérpretes experientes em Libras, com conteúdos de textos literários, jornalísticos, poemas, entre outros.



**Figura 2:** Programa Curricular de Língua Brasileira de Sinais para Surdos.  
**Fonte:** ALBRES, Neiva de Aquino; SARUTA, Moryse Vanessa. **Programa curricular de Língua Brasileira de Sinais para Surdos.** São Paulo: IST, 2012.

O presente material apresenta um programa curricular de Libras para surdos, propondo uma reflexão e práticas dos diferentes gêneros discursivos, bem como a análise dos aspectos

linguísticos da língua de sinais e os aspectos sociais em uma perspectiva bilíngue. Traz ainda, modelos de planos de aula voltados aos Anos Iniciais e Finais do Ensino fundamental, um panorama geral do Ensino Médio e sugestões de textos para a preparação das aulas.

Albres e Saruta (2012, p. 91-2) corroboram sobre como o professor deve observar a pertinência dos textos produzidos pelos alunos surdos e orientam como organizar esse registro individual, considerando:

- a participação, a interação nas atividades coletivas, as observações feitas em sala e a qualidade e propriedade dos comentários do aluno no processo de discussão sobre a língua em uso;
- a percepção do aluno a respeito dos elementos constituintes do gênero trabalhado;
- observe, principalmente, as marcas presentes na Libras que ele produziu nas primeiras aulas;
- as marcas de revisão nos textos produzidos pelos alunos, convencionadas em grupo; Uso de comportamentos reflexivos: definir o gênero, planejar/decidir que aspectos serão tratados no texto, considerar o destinatário ausente, ou seja, preocupação com a revisão para o registro em vídeo;
- a proposta de organização do vídeo em Libras, atente para as correções feitas, bem como a pertinência da nova proposta ou do texto final em Libras (veja se o aluno percebeu e utilizou recursos abordados na discussão);
- a produção da dupla ou grupo, a criatividade, a utilização dos recursos (marcas presentes que remetem às estratégias estudadas);
- a compreensão da complexidade que envolve a vida de uma minoria linguística em condições de educação bilíngue e os problemas sociais de respeito à diversidade humana.

The figure consists of several educational materials. On the left is a worksheet titled 'GRAMÁTICA' with a sign language icon. To its right are three tables, each with a sign language icon and a grid for recording word classes. The tables are organized into columns: 'CLASSES DE PALAVRAS', 'NOMINAIS', 'VERBOS', and 'ADVERBOS'. Each table has rows for different word classes and columns for recording their use in a text.

**Figura 3:** Classes de Palavras.

**Fonte:**

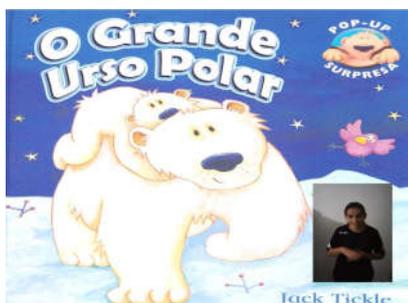
[https://lookaside.fbsbx.com/file/Periodo%20literario.pdf?token=AWxZnoFcqX7NGNbFzqYFesfpqmDqJ0Z7bI6sN0-I3tDGgxXHZY4ITGNBV3K1Je-a-ZQR8y9ovj6VsO-yNSO73ZQcMKOZUI\\_jsGL-At3nopZlr5K6ZD0qQU4-in27Q9hQ6CJHGgMsXZECjhtb6WwKiQ](https://lookaside.fbsbx.com/file/Periodo%20literario.pdf?token=AWxZnoFcqX7NGNbFzqYFesfpqmDqJ0Z7bI6sN0-I3tDGgxXHZY4ITGNBV3K1Je-a-ZQR8y9ovj6VsO-yNSO73ZQcMKOZUI_jsGL-At3nopZlr5K6ZD0qQU4-in27Q9hQ6CJHGgMsXZECjhtb6WwKiQ).

A mesma autora, também criou os materiais acima para trabalhar os sinais específicos das classes de palavras.

Os professores do curso aprenderam os sinais específicos e foi solicitado que, também, disponibilizassem o material aos alunos.

No grupo de facebook : “Atividades pedagógicas em Língua de Sinais: desenhos, artes de artesanatos, é compartilhado diversas atividades voltadas à Libras e experiências

pedagógicas, as quais os arquivos podem ser baixados e impressos para trabalhar com os alunos surdos.



**Figura 4 e 5:** História adaptada para Libras pela participante do curso.

**Fonte:** A própria participante do curso.

Outros materiais utilizados como sugestão para melhoria na prática pedagógica das professoras foram: dicionários impressos e em PDF (disponibilizados via pen drive), histórias em Power Point (PPT) para que pudessem agregar às mesmas os vídeos criados por elas ou pelos alunos a fim de deixar o material acessível.

As figuras abaixo mostram um dos trabalhos realizados pelas professoras, no que tange à adaptação de histórias para Língua de Sinais, usando um livro escaneado, organizado em Power Point e a gravação da mesma como sinalizadora.



**Figura 6:** Outros materiais com acessibilidade em Libras (CD-ROM, DVD e outros formatos digitais).

**Fonte:** Material pertencente à ministrante do curso.

Os sistemas computacionais acima podem ser utilizados com os alunos surdos apenas como aplicativos para a implementação de estratégias pedagógicas para a comunicação e letramento dos mesmos.

As novas tecnologias estão a favor da educação dos alunos surdos, pois favorecem níveis bem produtivos de aprendizagem aos mesmos. “Há de se considerar que as novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes [...]. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade” (KENSKI, 2006, p. 23).

No que tange à escrita dos surdos, ela não segue as mesmas construções dos ouvintes, que se apoiam na linguagem oral para produzir a escrita. Para o aluno surdo, usuário da Língua de Sinais, a Libras assume o caráter mediador e de apoio na aprendizagem do português, pois para o aluno surdo aprender a escrever, é também, aprender uma segunda língua.

Em relação à aquisição de leitura e escrita por crianças surdas Gesueli (1998) apud Lodi et al. (2009, p. 35), explicita que “quando expostas à LIBRAS, estas apontam desde o início de seu aprendizado, que já são bastante regular de estratégias linguísticas, demonstrando conhecimento e fazendo uso da relação entre Língua Portuguesa e Língua de Sinais”. Essa exposição às duas línguas fortalecerá seu processo de letramento o qual é,

condição e ponto de partida na aquisição da língua oral pelo surdo, o que remete ao processo psicolinguístico da alfabetização e à explicitação e construção das referências culturais da comunidade letrada. Essa tarefa é, porém, menos árdua se a modalidade escrita da língua oral é adquirida como L2, sendo a língua de sinais adquirida como L1, cabendo desenvolver estratégias de ensino que levem em consideração a situação psicossocial do surdo, em particular sua condição multicultural (SALLES, FAUSTICH e CARVALHO, 2004, p. 77-78).

Segundo Quadros (2006, p. 24), “a tarefa de ensino da Língua Portuguesa tornar-se-á possível, se o processo for de alfabetização de segunda língua, sendo a Língua de Sinais reconhecida e efetivamente a primeira língua”.

Vale ressaltar que dentro do enfoque bilíngue espera-se que o surdo desenvolva habilidades em sua língua primária, utilizando a Língua de Sinais e na secundária, a escrita. Por isso, é fundamental estabelecer uma análise das diferenças e semelhanças implícitas e explícitas entre a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa reconhecendo-as no cotidiano educacional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Infelizmente, há uma lacuna entre a formação inicial e o que ocorre no ambiente sala de aula, bem como a formação continuada dos professores, a qual se faz necessária para reverter o contexto atual da educação de surdos.

É frequente o fato de que os surdos encontram dificuldade em lidar com aspectos relacionados à estrutura e ao funcionamento da Língua Portuguesa, conseqüentemente a leitura, a análise e a produção textual, pelo fato de não terem tido essa prática no seu contexto escolar e que a Língua de Sinais nem sempre é aceita ou considerada pelo interlocutor no

processo de leitura, de tradução ou produção de texto. Nas escolas a grande preocupação é exatamente a leitura e a escrita de texto em Língua Portuguesa fazendo da Língua de Sinais apenas um suporte, para se ter acesso à língua majoritária.

As produções textuais, as narrativas, as releituras e as traduções dos significados construídos em sinais, não são consideradas pelo interlocutor no processo de leitura, de tradução, construção de sentidos dos textos, causam dificuldades aos alunos surdos no seu processo de aprendizagem.

Eu suma, o curso proporcionou às professoras conhecimento teórico acerca da gramática da Libras, destinando-se ainda à investigação de problemas enfrentados por elas na educação básica, bem como originou contribuições para a prática pedagógica das mesmas por meio de estratégias, metodologias facilitadoras desse processo bilíngue e recursos midiáticos que favoreceram o processo de alfabetização e letramento dos alunos surdos.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino; SARUTA, Moryse Vanessa. **Programa curricular de língua brasileira de sinais para surdos**. São Paulo: IST, 2012. Disponível em: <<https://libras.ufsc.br/programa-curricular-de-lingua-brasileira-de-sinais-para-surdos/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. 1ª ed. 8. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

DESLAURIERS, J. P. **Recherche qualitative**. Montreal: McGraw Hill, 1991.

FELDMANN, Marina G. **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

GESUELI, Zilda Maria. **A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em língua de sinais**. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1998. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251083/1/Paz\\_ZildaMariaGesueliOliveira\\_da\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251083/1/Paz_ZildaMariaGesueliOliveira_da_D.pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Ed. Papirus, 2006.

LACERDA, Cristina B. F. de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. 5ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

LODI, Ana Claudia B. et al. **Letramento e minorias**. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

LODI, A. C. B. Prefácio (2014). In: VIEIRA, C. R. **Bilinguismo e inclusão: problematizando a questão**. Curitiba: Editora Appris, 2014.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Robert S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. A performatividade em educação de surdos. Cap. IV, p. 101-117. In: SÁ, Nidia Regina Limeira de (Org.). **Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011. 302p. ISBN 978-85-7401-558-3. Disponível em: <[http://www.socepel.com.br/arquivos/LIVRO\\_SOBRE\\_SURDOS/Surdos\\_Qual\\_Escolar.pdf](http://www.socepel.com.br/arquivos/LIVRO_SOBRE_SURDOS/Surdos_Qual_Escolar.pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2019.

PLETSCH, Márcia D. FONTES; Rejane S. GLAT, Rosana. Pesquisas com abordagem etnográfica sobre a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no Ensino 146 Regular. In: MARQUEZINE, Maria C.(Org. et al.) **Tópicos de metodologia de pesquisa para educação especial**. Londrina: ABPEE, 2009.

QUADROS, R. M. de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2004.

VIERA-MACHADO, L. M. da C. **Professores de surdos: educação bilíngue, formação e experiências docentes**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2016.